

Esquizofrenia e Ironia: notas sobre um tratamento possível

Fernanda Dias

Começo a atender V. no início de 2001, no ambulatório de um hospital psiquiátrico. Foi um dos meus primeiros casos ali, e que passei a receber no consultório, após o término do meu contrato com a instituição. Cobria as férias e a licença maternidade de uma colega, e optei de imediato por não ler a pilha de prontuários que me foi entregue ao chegar. De forma que não foi sem o elemento surpresa que recebi V. naquela manhã. Esses encontros, aos quais ela comparecia com afinco, se transformaram num percurso, um processo cheio de altos e baixos, que ao longo desses anos tento formalizar e extrair conseqüências com a construção desse caso. Na impossibilidade de apresentar aqui todos os detalhes, as notas sobre esse tratamento privilegiam mais a via discursiva do que a dimensão corporal. Não deixo de enfatizar contudo, que percebo, não apenas pela teoria, o quanto na clínica da psicose essas duas dimensões estão interligadas.

Apresentação

Ao receber V., encontro uma jovem mulher, um tanto agitada, desajeitada, descabelada, vestindo roupas maiores que seu corpo, o que a deixava meio disforme. Para além da imagem, o espanto se deu por outra via. Falante, quase logorréica, V. sabe porque estou ali e se apresenta: “Meu problema é a esquizofrenia.” Pergunto-lhe porque dizia aquilo, acostumada eu até então, com o esforço por parte dos pacientes psicóticos de convencer-me de que nada de errado acontecia com eles, de que não estavam loucos. V. me explica: “Já fiz terapia, faço há muito tempo. Já tive uma crise, fui parar no hospital. Faço tratamento aqui porque uma amiga do CCA indicou.” “CCA?”, pergunto. Ela: “É. Comedores Compulsivos Anônimos, não conhece? Vou aos grupos anônimos, a T. O . aqui do hospital e ao grupo da (um bairro na zona norte do Rio). Faço a minha parte.” Indago sobre esse grupo e V. me conta que uma noite por semana vai religiosamente ao local, onde aprende técnicas de relaxamento e elevação espiritual. Cita então a “oração da serenidade”, que fala em pedras no caminho. “O problema”, ela diz, “é que, para mim, as palavras são pedras”. Levo a sério o seu dito. Que melhor forma teria de descrever o impacto, o traumatismo, que a linguagem exerce sobre ela? “Traumatisme”, diz Lacan, o que faz furo e obriga cada um a inventar o que pode.¹ Por vezes, o que V. escuta do outro tem um peso tão grande que ela sucumbe ao que chama de “depressão”. Sente-se incapaz, não consegue fazer nada: “Não é preguiça. É da doença.” Avisa. Em outros momentos, as palavras que profere parecem ter o valor de uma terrível agressão. Estar no laço social, para ela, parece ser uma real corda bamba.

1 Lacan, J. *Le Séminaire XXI: Les non-dupes errent*. Inédito. Aula de 19/02/1974.

Quando a palavra não mata a coisa

De fato, V. possui uma relação muito particular com a linguagem. Não se tratando inicialmente da presença de transtornos típicos como os neologismos, ou queixas habituais na psicose, tais como o famoso ouvir vozes, me detive num uso incomum, marcado por efeitos de ironia², aos quais ela própria se refere. Fala de certos “foras” que costuma dar ao conversar, algo mais para o humor negro do que o cômico, e que sente causar um clima estranho entre as pessoas.

Um exemplo: ao sair com um homem, no arriscado encontro com o sexo oposto, V., tomada por sensações estranhas, é invadida por idéias de desconfiança com relação a mulher que lhe servia. Esta mulher, amiga do homem com quem V. estava, serve a V. a terceira coca-cola e lhe diz: “Vai tomar um porre de coca”. V. responde: “É. Vou ficar preta.” A mulher, que era negra, resmunga algo e se retira.

Apesar de Freud não ter escrito nenhum texto exclusivamente consagrado ao estudo da esquizofrenia, contamos com poucas, mas precisas elaborações. Uma delas é a que diz que, na perspectiva do esquizofrênico, a palavra é a coisa. Representação de palavra e representação de coisa são conceitos utilizados por Freud em um dos artigos de sua metapsicologia, intitulado “O Inconsciente”. Freud chama a atenção para a forma singular como estes sujeitos utilizam a linguagem, chamando-a “Língua do órgão”. Diz perceber que, na esquizofrenia, “as palavras estão sujeitas a um processo igual ao que interpreta as imagens oníricas dos pensamentos latentes”³, o processo primário. Freud aponta a ausência de metaforização. A predominância da representação de palavra sobre a representação de coisa é efeito da utilização metafórica da linguagem. Tudo ocorre então, na esfera das palavras, de forma metonímica, sem a transposição da barra do sentido. Nesse desenrolar verbal nenhuma significação é fixada, no encadeamento das palavras nada faz nó. Esta labilidade, a instabilidade da significação pode ser articulada ao fato dos valores da linguagem não serem mais delimitáveis. Com isso, nenhum significado é impossível na seqüência metonímica.⁴ Inferno particular, fenômeno há muito descrito pela psiquiatria, por exemplo por Bleuler em sua formulação dos 4 As, a esquizofrenia corresponderia ao fracasso da subjetivação da mensagem vinda do Outro.

O Outro da paróquia

-
- 2 Gregory Vlastes diz que o termo ironia, tal como utilizamos hoje, apesar de certas degradações ao seu uso imemorable, tem sua origem em um neologismo. Isto porque não existia palavra em grego para dizer o que Sócrates fazia, um modo de falar, perguntar e responder, de encaminhar seus ouvintes, com um uso das palavras que parecia suspender seu uso habitual. Vlastos, G. (1991) “Socrates: ironist and moral philosopher”. Cornell University Press. Em: Berenger, E. “Testemunho: ensino irônico.” Em: *Opção Lacaniana*. São Paulo: Edições Eólia, nº 54, maio de 2009, p. 70-71.
- 3 Freud, S. “O Inconsciente” Em: *Obras Completas*, Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 204.
- 4 Bruno, P. “O dito – sobre a esquizofrenia” Em: *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo*. Rio de Janeiro: Marca d’Água Livraria e Editora, 1999, p. 182-185.

V. mantinha-se em tratamento há mais de um ano, relatando suas dificuldades nos encontros da vida cotidiana, com a analista num cálculo cirúrgico das intervenções. Em uma das sessões, quando a analista ri de um dos “foras” de V., uma mudança parece se operar. A primeira nota, primeira hipótese aqui referida é a de que no caso de V., possuidora de uma determinação e precisão surpreendentes, o reconhecimento e a acolhida da ironia como tributária do “ensaio de rigor” que Lacan apontou nas psicoses, proporcionou uma “deflação metódica” do Outro superegóico. A paciente pareceu experimentar uma mudança de posição: no lugar de objeto de gozo de um Outro invasivo, o humor faz dela própria gozadora, e o riso traz um efeito de alívio.⁵ Isso a faz prosseguir no caminho de sua invenção e concomitantemente circular de outro modo no laço social. Da ironia, que denuncia o semblante referente a todo laço social e que a fazia ir infernalmente contra o outro⁶, V. parece se abrir para a via do humor, dirigindo-se a um interlocutor. Gradativamente, V. passou a se voltar à analista e perguntar, após o relato de seus peculiares diálogos: “Respondi bem, não?” E ria. Aprendemos com Freud, tanto em seu livro sobre os chistes, quanto em seu texto sobre o humor, que o dito humorístico, o witz, como uma das formações do inconsciente e ao lado, portanto, do sonho, ato falho e do lapso é reconhecido como tal quando o outro ri do que ali é transmitido.

Pensando num dos pontos em que Lacan se baseia para definir o witz, estaria V. colocando a analista no lugar do Outro que intervêm dizendo sim, e que, ao fazê-lo, permite que a palavra receba seu valor e se inscreva no código? Seria essa uma das formas de se manter como pilar para o endereçamento do esquizofrênico, e que poderia vir a ter uma função de amarração?⁷ Não se trataria aqui de reconhecimento ou adequação a comunicação, já que, no caso do chiste, o que há é a evocação de um sentido mais além.⁸ Numa clínica que parte da ironia, seria esse um lugar possível para o analista, a saber, o do “Outro da paróquia” com quem se compartilha “referências comuns, uma língua comum que não é universal” e que permite algo novo no dizer, uma palavra nunca dita, uma criação?⁹

Ao me questionar sobre o que fazia retornar esse sujeito da Unglauben fundamental, da não crença que o torna imune ao Sujeito Suposto Saber¹⁰, a resposta veio dela própria: “Preciso vir aqui porque assim eu respondo melhor”. V. pôde então, a partir daí, relatar fragmentos da história de sua vida, tornando-os suportáveis, através da construção de um saber sobre o que se passou, sem recorrer ao delírio.

5 Freud, S. “O Humor” Em: *Op. Cit.*, Vol. XXI.

6 Miller, J. - A. “Clínica Irônica”. Em: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 191.

7 Miller, J. - A. “A invenção psicótica” Em: *Opção Lacaniana*. São Paulo: Edições Eólia, nº 36, maio de 2003.

8 Lacan, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 102.

9 Miller, J. - A. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 20-22.

10 Basz, S. “Clínica do sujeito suposto saber. La ironia”. Em: *Acerca del sujeto supuesto saber*. Buenos Aires: EOL-Paidós, 2000, p. 84-85.

O amor platônico

V. é a filha mais velha, tem uma irmã, cuja relação oscila entre proximidade e afastamento; e um irmão com o qual tinha relações bastante difíceis no início do tratamento, mas que não se pode afirmar que ocupava um lugar de Outro perseguidor.

A mãe de V. faleceu, quando esta estava no final da adolescência. V. diz não ter sentido nada durante o enterro. Enquanto todos “desabaram”, ficou firme, ao lado do pai. Logo depois há o primeiro e único surto. Estava morando sozinha e começou a se descuidar, não tomar banho, não se alimentar, vagar pelas ruas. Levada ao hospital, no caminho V. tenta o suicídio, abrindo a porta para sair do carro em movimento. Este é freado bruscamente e a irmã lhe diz: “Irmã, não faça isso, eu te amo”. V. relata esse fato repetidas vezes durante o tratamento, dizendo que esse “eu te amo” foi o que a segurou, a “salvou”. V. passa a me dizer o que lhe aconteceu naquela época. Fala que via prostitutas que olhavam para ela e diziam; “Vai ser uma de nós”. Não conseguia mais entrar em casa. Um homem de moto “com olhar de águia” passava. No carro ouvia galinhas que estariam no teto. “Eu estava ouvindo muitas vozes, dentro e fora do carro”.

A morte da mãe entretanto, não é colocada por V. como a causa do desencadeamento de sua psicose. “Amor platônico”. Esta é a forma como V. se refere ao que lhe aconteceu e que, segundo ela, a levou ao surto. Algo de cunho erotomaníaco, “paixão platônica” pelo presidente do diretório acadêmico da faculdade em que estudava. “Ia até lá, ele me olhava, não tinha coragem de olhar. Falava bem, não sabia o que fazer. Foi uma paixão maluca. Havia um acesso direto entre nós. Ele despertou minha libido. Olha que maluquice, ele nem tocou em mim e comecei a amar, não é louco? Essa coisa é perigosa...”

O que surge no momento em que V. se dedica a falar de sua vida amorosa e que chama a atenção, é a forma quase didática, crua, com que descreve posições amorosas, o problema de sentir prazer, as preliminares, etc. Descubro que, na adolescência, V. era leitora voraz de revistas femininas, “Claudia, Nova e romances tipo Sabrina”, que chegou a colecionar. Fala dessas leituras como “salvação” quando “acordou para a sexualidade”. Teriam sido as palavras que usa, retiradas literalmente dali? Acolho suas palavras. Aos poucos, as queixas intensas com relação a solidão, a incapacidade de trabalhar, o medo de não se sustentar, deram lugar a algo mais específico: um conflito que chamou de “briga entre a santa e a puta”, que é o que a impede de saber o que fazer com os homens. Na direção do tratamento, essa questão é tomada como algo importante, de difícil solução, mas que continua sendo buscada sempre adiante. De certa forma, tornou-se algo corriqueiro e inserido por ela no grupo de problemas que as mulheres atualmente tem: amor, trabalho, casamento. Esta foi minha aposta, o cálculo que acreditei ter que fazer, sem deixar de ser fiel às singularidades desse sujeito esquizofrênico feminino, para evitar sua queda num abismo que

ameaça se abrir a cada novo encontro com um possível parceiro amoroso. O interessante é que tal conflito passa a ter raízes, segundo ela, em sua “educação rígida”. Passemos então à relação com o pai.

O pai da aldeia

No decorrer do tratamento, a modificação da posição de V. frente ao pai, nos faz lembrar o que coloca Miller e que nos “obriga a corrigir o que dizemos tão habitualmente rápido que, na psicose, o Outro seria não barrado”.¹¹ V. parece situar um buraco no lugar do Outro, nesse caso o pai, que concerne a um ponto muito preciso: a filiação. De início, reclamava muito dele. Um pai severo que sempre a impediu de namorar, que a vigiava atrás da árvore e que, por tantas exigências, a tinha levado a ficar doente. Um pai cruel: “bateu com cabo de vassoura nas minhas pernas porque eu não queria comer”. Um pai que cobrava dela trabalho: “Paguei faculdade para você pra quê? Sou mais eu que não estudei...” Um pai invasivo: descreve uma cena em que, adolescente, este aponta para um de seus seios e pergunta rindo: ‘o que é isso?’” Essa versão dá lugar a de um pai “humilhado” pelo padre da aldeia em que morava em sua terra natal num país europeu, pelo fato de ser um “bastardo”. Segundo V., o avô paterno morava em uma aldeia diferente daquela da avó, tinha outra família e filhos. “O meu pai não tinha o nome do pai dele. Ele não reconheceu meu pai. Tinha outra família. Ia lá só pra ó, na minha avó. Minha avó era amante dele”. Aos poucos o pai se transforma em alguém que “sofreu muito na vida”, que “veio para o Brasil sem estudo, dormiu na rua, trabalhou muito”. Um pai que “trabalha no submundo” e que é “alcoólatra”. Uma espécie de marca familiar aparece, ligada a compulsão, e que se articula aos vários grupos de auto-ajuda que frequenta. Como a analista continua a saber muito pouco desses grupos, V. prossegue nas explicações, no seu estilo irônico.

O feminismo, uma invenção

Durante o processo em que o pai é descrito com menos terror, suas características de “durão” e “machão” se articulam a um outro tipo de literatura, ao qual V. se dedicou na adolescência: “os livros de Simone de Beauvoir, o segundo sexo, Marta Suplicy, Marina Colassanti”, o “feminismo”. Conclui numa das sessões: “É isso, de um lado o feminismo: transa! Do outro a educação repressora, qualquer um ia ficar confuso...” Num dos raros momentos em que resolveu organizar sua casa, diz ter mantido esses livros separados, escondidos em seu quarto, já que mostram algo seu “de muito íntimo”. Certa vez, ao falar que, na opinião de um familiar, a leitura desses livros foi a causa de sua doença, a analista indaga se concorda. V. responde: “Não,

11 Miller, J. - A. “Biologia Lacaniana e acontecimentos de corpo”. Em: *Opção Lacaniana*. São Paulo: Edições Eólia, nº 41, dezembro de 2004, p. 62-62.

pelo menos tive meu idealismo”.

Miller em um texto em que comenta a pertinência do termo 'invenção' quando se trata das psicoses, coloca que este termo se encontra mais próximo da criação do que da descoberta, já que se dá a partir de materiais existentes.¹² O caso de V. parece mostrar que uma criação se deu, um mosaico, cujos pedaços de vidro, os materiais existentes foram retirados do que esta leu no decorrer da existência.

Lanço então uma segunda hipótese, questão à qual me dedico a estudar: como pensar nesse caso, a partir do tratamento analítico, a transformação dessas referências em algo além da mera reedição de suas leituras juvenis? Melhor dizendo, como entender a transformação desse material lido – antes com caráter imperativo “Transa!” - em algo – o “feminismo” - que, devido a impossibilidade estrutural de V. de se localizar na partilha dos sexos, a ajuda a lidar com o insuportável presente nos seus encontros com os homens?

Encerro com uma citação de Jacques Lacan, escrita no momento em que este se recorda de seus antecedentes, em especial a psiquiatria; em que diz o que o levou a fazer um percurso, segundo ele, de Kraepelin e Clèrambault à Freud:

“Pois a fidelidade ao invólucro formal do sintoma, que é o verdadeiro traço clínico pelo qual tomávamos gosto, levou-nos ao limite em que ele se reverte em efeitos de criação (...)”¹³

12 Miller, J. - A. “A invenção psicótica” Em: *Op.Cit.*, p. 25.

13 Lacan, J. “De nossos antecedentes”. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 70.